



## **Estado & Superexploração do trabalho no capitalismo contemporâneo: A atualidade da Teoria Marxista da Dependência (TMD) - Entrevista com Dr. Jaime Sebastián Osorio Urbina**

Mario Soares Neto<sup>1</sup>

### **Resumo**

A presente entrevista com o professor Dr. Jaime Sebastián Osorio Urbina, foi realizada entre os meses de março e abril de 2020. O professor Jaime Osorio é vinculado à Universidade Autônoma Metropolitana – Xochimilco (UAM-X) e ao programa de Pós-Graduação em Estudos Latino-Americanos da Universidade Nacional Autônoma do México (Unam). A entrevista abordou questões relativas à atualidade da Teoria Marxista da Dependência (TMD), com destaque para as discussões sobre a superexploração da força de trabalho, padrão de reprodução do capital, Estado e racismo no capitalismo dependente. Ao longo do presente material, julgamos necessário realizar uma breve apresentação com o estabelecimento de aspectos biográficos acerca do nosso entrevistado, destacando algumas das suas principais publicações (entre livros e artigos). Ademais, trabalhamos na inserção de notas e referências bibliográficas para que sejam auxiliares no aprofundamento dos estudos em torno da TMD.

**Palavras chave:** Estado, Superexploração do trabalho, padrão de reprodução do capital.

## **Estado y sobreexplotación del trabajo en el capitalismo contemporáneo: la actualidad teoría marxista de la dependencia (TMD) - Entrevista con el Dr. Jaime Sebastián Osorio Urbina**

### **Resumen**

La presente entrevista con el profesor Dr. Jaime Sebastián Osorio Urbina, se realizó entre marzo y abril de 2020. El profesor Jaime Osorio está vinculado a la Universidad Autónoma Metropolitana - Xochimilco (UAM-X) y al Programa de Posgrado en Estudios Latinoamericanos por la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). La entrevista abordó temas relacionados con la actual teoría marxista de la dependencia (TMD), con énfasis en las discusiones sobre la superexplotación de la fuerza laboral, el patrón de reproducción del capital, el Estado y el racismo en el capitalismo dependiente. A lo largo de este material, creemos que es necesario hacer una breve presentación con el establecimiento de aspectos biográficos sobre nuestro entrevistado, destacando algunas de sus publicaciones principales (entre libros y artículos). Además, trabajamos en la inserción de notas y referencias bibliográficas para ayudar en futuros estudios sobre TMD.

<sup>1</sup> Advogado, Professor e Pesquisador. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia - FDUFBA. Coordenador do Curso Marxismo e Pan-Africanismo: Introdução à História da África e da Diáspora Africana. Mestre em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal da Bahia – PPGD/UFBA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3340-9497> E-mail: [mario.adv.soares@gmail.com](mailto:mario.adv.soares@gmail.com)

**Palabras clave:** Estado; Superexplotación del trabajo; patrón de reproducción de capital.

**State & Overexploitation of work in contemporary capitalism: The current status of the Marxist Theory of Dependence (TMD) - Interview with Dr. Jaime Sebastián Osorio Urbina**

**Summary**

The present interview with Professor Dr. Jaime Sebastián Osorio Urbina, was carried out between March and April 2020. Professor Jaime Osorio works in the Autonomous Metropolitan University - Xochimilco (UAM-X) and in the Post-Graduate Program in Latin American Studies from the National Autonomous University of Mexico (Unam). The interview addressed issues related to the current Marxist Theory of Dependence (TMD), with emphasis on the discussions about the overexploitation of the labor force, the pattern of capital reproduction, the State and racism in dependent capitalism. Throughout this material, we believe it is necessary to make a brief presentation with the establishment of biographical aspects about our interviewee, highlighting some of his main publications (among books and articles). In addition, we work on inserting notes and bibliographic references to assist in further studies on TMD.

**Key words:** State; Overexploitation of work; pattern of capital reproduction.

**1 Quem é Dr. Jaime Sebastian Osorio Urbina?**

O professor Dr. Jaime Sebastián Osorio Urbina é um dos mais importantes intelectuais latino-americanos da atualidade, sendo uma das principais referências da Teoria Marxista da Dependência (TMD). Nascido na região de Santiago do Chile, no âmbito de uma família da pequena-burguesia assalariada, conviveu com sete irmãos, compartilhando a vida no âmbito de muitas necessidades materiais. Estudou em colégios públicos em todo ensino básico e, posteriormente na Universidade dedicou-se à Sociologia, Belas Artes e Estudos Culturais.

No período prévio ao governo da Unidade Popular de Salvador Allende (1970-1973) emergiram significativos movimentos sociais e a sociedade Chilena encontrava-se extremamente politizada. Nestas circunstâncias Jaime Osorio rapidamente se tornou dirigente estudantil. Antes do golpe militar contra Allende, Osorio fez parte do grupo do Centro de Estudos Socioeconômicos – Ceso, no âmbito do qual se deu início à elaboração da Teoria Marxista da Dependência (TMD), com a contribuição de intelectuais marxistas como Ruy Mauro Marini<sup>2</sup>,

<sup>2</sup> Jaime Osorio é considerado o mais importante discípulo de Ruy Mauro Marini. De acordo com Ferreira e Luce (2012), “o contato de Osorio com Marini remonta à época em que o primeiro era jovem dirigente estudantil da Faculdade de Sociologia da Universidad de Chile e o segundo, um dos marxistas brasileiros recém-chegados ao país, que passara a lecionar na Universidad de Concepción: ‘nosso Centro de Estudantes encontrava-se em processo de reformulação do currículo de sociologia e contactamos Ruy para que nos ajudasse naquela tarefa. Não

Theotonio dos Santos, Vânia Bambirra, Andre Gunder Frank, dentre outros. Posteriormente, com o golpe militar encabeçado por Augusto Pinochet, Jaime Osorio exilou-se no México.

Quando ele desceu do avião no Aeroporto Internacional da Cidade do México, há 42 anos, parecia que a estadia do Dr. Jaime Osorio Urbina não duraria mais de quatro anos, no entanto, quando viram o nome de Patricia, sua esposa, no lista de "não retornáveis" distribuídos pela ditadura liderada pelo general Augusto Pinochet no Chile, eles foram forçados a ficar e agora 'somos nós que não queremos terminar esta viagem'.<sup>3</sup>

O nosso entrevistado é formado em Sociologia pela Universidade do Chile e Doutor<sup>4</sup> em Ciências Sociais, pelo Centro de Estudos Sociológicos do Colégio de México, Jaime Osorio é um intelectual de formação marxista-leninista. O professor Osório é vinculado à Universidade Autônoma Metropolitana – Xochimilco (UAM-X) e ao programa de pós-graduação em Estudos Latino-Americanos da Universidade Nacional Autônoma do México (Unam). É também membro do Conselho consultivo e editorial de revistas como OIKOS do Chile, Argumentos, da Divisão de Ciências Sociais e Humanidades da Unidade Xochimilco, e Veredas: Revista de Pensamento Sociológico, da mesma Unidade.

A trajetória de investigações de Jaime Osorio inclui a publicação de 16 livros e mais de 70 artigos em revistas especializadas. Osorio tem contínua participação na formação de estudantes e pesquisadores em nível de licenciatura, mestrado e doutorado, atuando como verdadeiro formador de profissionais, sendo um intelectual com profundo compromisso social em torno dos grandes problemas da América Latina.

Suas ideias são muito debatidas no espaço acadêmico brasileiro, visto que seus artigos são frequentemente publicados em diversos periódicos como, por exemplo, a Revista da Sociedade de Economia Política – SEP. Ademais, ministrando cursos de formação, tais como “Estado, Poder e Classes Sociais na América Latina”, realizado no Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA) do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina.

Suas obras abordam temas relacionados ao desenvolvimento econômico, político e social da América Latina, com destaque para a discussão sobre a superexploração do trabalho, a dependência estrutural, Estado e padrão de reprodução do capital<sup>5</sup>. Muitos dos seus livros

---

o conhecíamos pessoalmente, mas tínhamos referências suas através de companheiros de Concepción” (p. 13).

<sup>3</sup> **Semanario de la UAM – Órgano Informativo de la Universidad Autónoma Metropolitana.** Casa Abierta al Tiempo. Vol. XXII. Nº 31, 11-04-2016, ISSN 1405-177X, p. 4-5.

<sup>4</sup> A tese de doutorado de Jaime Osorio foi defendida no ano de 1985, tendo sido publicada com o seguinte título: “*Raíces de la democracia en Chile, 1850-1970: reinterpretación del desarrollo económico y político*” (Cidade do México, Era, 1990).

<sup>5</sup> A noção de padrão de reprodução do capital foi esboçada por Ruy Mauro Marini entre os anos 1970 e 1980, principalmente, em textos como “*El ciclo del capital en la economía dependiente*”, 1979, e “*Sobre el patrón de reproducción del capital en Chile*”, 1982, ambos artigos encontram-se no “*Archivo Ruy Mauro Marini*”. A

estão traduzidos para o português e inglês e são constantemente apresentados em seminários e conferências nas principais universidades do Canadá e de países da América Latina e Europa.<sup>6</sup>

No ano de 2016, o professor Jaime Osorio foi agraciado pelo Colégio Acadêmico da Universidade Autônoma Metropolitana, que aprovou o seu nome como *Professor Distinguido* (Professor Distinto) desta casa de estudos, em reconhecimento a sua trajetória nos campos de investigação, em relação à docência, a preservação e difusão da cultura e gestão universitária.

Jaime Osorio é artista plástico e suas obras estão expostas em diversos espaços culturais da Universidade Autônoma Metropolitana (UAM), nas Mostras “Objetos Renascidos”, “Fragmentos Encontrados”, “Vestígios”, “Memória Presente”, e “De muros e sinais”.

## 2 A Entrevista

**Questão:** Em primeiro lugar, gostaria que iniciasse essa nossa entrevista abordando a seguinte questão: quais as origens, processo de desenvolvimento e a importância da Teoria Marxista da Dependência (TMD)?

**Jaime Osorio:** Na explicação do sistema mundial capitalista e da teoria do desenvolvimento, a constituição da Teoria Marxista da Dependência (TMD) implicou levar a cabo rupturas epistêmicas, teóricas e políticas de enorme relevância.

---

noção de padrão de reprodução do capital constituiu-se como um verdadeiro elo continuador na elaboração da teoria marxista da dependência. Esta noção, no entanto, somente foi aprofundada e explicitada com precisão mediante o esforço intelectual de Jaime Osorio, como resultado de 30 anos de investigações.

<sup>6</sup> Dentre os principais livros e artigos do professor Dr. Jaime Sebastián Osorio Urbina, destacamos o rol seguinte. Ver: OSORIO, Jaime. *O Estado no centro da mundialização – a sociedade civil e o tema do poder*. São Paulo: Expressão Popular, 2014.; OSORIO, Jaime. *Crítica de la economía vulgar: reproducción del capital y dependencia*. Miguel Ángel Porruá/UAZ, 2004.; OSORIO, Jaime. *Estado, reproducción del capital y lucha de clases – la unidad económico/política del capital*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Económicas, 2014.; FERREIRA, Carla; OSORIO, Jaime; LUCE, Mathias (orgs.). *Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência*. São Paulo: Boitempo, 2012. Ver também: OSORIO, Jaime. *Capitalismo, Estado y sistema mundial: contradicciones económicas y políticas*. Revista Crítica Marxista, nº 44, 09-02-2017, pp.73-85.; OSORIO, Jaime. *Sobre o Estado, O Poder Político e o Estado Dependente*. Temporalis, Brasília (DF), ano 17, n. 34, jul./dez. 2017.; OSORIO, Jaime. *El marxismo latinoamericano y la dependencia*. Cuadernos Políticos, nº 38, ediciones Era, México, D.F., enero-marzo, 1984, pp.40-59. OSORIO, Jaime. *El Estado de contrainseguridad con coro electoral*. Argumentos. UAM-Xochimilco, México. AÑO 31 • NÚM. 86 • ENERO-ABRIL 2018 • PP. 59-82.; OSORIO, Jaime. *Ley del valor, intercambio desigual, renta de la tierra y dependencia*. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política, nº 46, maio de 2017 – agosto de 2017, pp. 78-102. OSORIO, Jaime. *Renovar la teoría de la dependencia sin teoría del capitalismo dependiente: notas críticas a la propuesta de Claudio Katz*. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política, nº 53, maio de 2019 – agosto de 2019, pp. 55-72.; OSORIO, Jaime. “*Cuestiones epistémicas en el análisis de la dependencia y del capitalismo dependiente*”. REBELA, v.9, n.1. jan./abr. 2019.; OSORIO, Jaime. “*Acerca de la superexplotación y el capitalismo dependiente*”. CEC Año 4, Nº 8 (2018) pp. 153-181.; OSORIO, Jaime. *Teoría marxista de la dependencia sin superexplotación. Una propuesta de desarme teórico para avanzar*. Repositório da UFSC. 14-09-2017, pp. 1-10.



a) Ruptura com a ideia de um sistema mundial onde todas as economias e Estados que o conformam podem alcançar os mesmos objetivos em matéria de infraestrutura, produtividade e bem estar para a população. Em outras palavras, que o desenvolvimento está ao alcance de todas as sociedades, fazendo o necessário para alcançar este fim.

b) A TMD dará os fundamentos para entender que isto não deixa de ser uma falsa promessa. E que no seio do sistema mundial capitalista operam processos que ao contrário, e de maneira simultânea, conduzem a que algumas economias e regiões se desenvolvam e que outras, a grande maioria, sejam subdesenvolvidas. E que esta condição diferenciada entre economias e regiões não se move no sentido de reduzir as distâncias entre uma e outra, mas de ampliá-las e consolidá-las.

c) Outorgou os elementos para colocar em questão os próprios conceitos e categorias que foram propostos para explicar as diferenças dentro desse sistema mundial. A noção de ‘subdesenvolvimento’ é inadequada porque supõe que as economias e Estados assim qualificados (assim como outros similares, como “em vias de desenvolvimento”, “atrasados”) vão simplesmente num degrau mais baixo na escada do desenvolvimento, mas se apressar o passo, podem chegar a esse estágio. Também se apresenta como inadequado o binômio centro-periferia difundido amplamente através dos escritos de Raúl Prebisch<sup>7</sup> em seu período na direção da CEPAL<sup>8</sup>. Uma vez que se entende o papel das chamadas economias “periféricas” na

<sup>7</sup> “Ele costumava ser chamado de “Keynes da América Latina”, embora a semelhança fosse apenas parcial. Prebisch era mais um formulador de políticas e diplomata econômico do que um teórico”. Ver: “*Raul Prebisch: Keynes da América Latina*”. *The Economist*, 5 de março de 2009, Seção Livros e Artes. <https://www.economist.com/books-and-arts/2009/03/05/latin-americas-keynes> Acesso em: 27/03/2020. Para compreender as concepções de ‘industrialização e progresso’ para a América Latina defendidas por Prebisch, Ver: PREBISCH, Raul. *El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas*. Desarrollo Económico, Vol. 26, No. 103. (Oct. - Dec., 1986), pp. 479-502. Para uma análise sobre o pensamento econômico e notas biográficas ver: DI MARCO, Luis Eugenio. *International Economics and development – Essays in honor of Raul Prebisch*. New York and London: Academic Press, 1972.

<sup>8</sup> Nas décadas de 1950 e 1960, a CEPAL se transformou em um centro de pesquisas e de formulação de políticas voltadas para o desenvolvimento da América Latina. No Brasil, os intelectuais mais importantes da “escola cepalina” foram Celso Furtado (1920-2004), Ignácio Rangel (1914-1994), Maria da Conceição Tavares (1930-), dentre outros. Ruy Mauro Marini criticou o pensamento cepalino, em seus diversos textos, pela ausência de uma teoria do valor que permitisse compreender o intercâmbio desigual de valores, o processo de transferência da mais-valia dos países dependentes para o centro do imperialismo, os procedimentos da superexploração da força de trabalho no continente latino-americano, etc. A CEPAL, no entanto, se orientou pela teoria dos fatores de produção, sendo, portanto, incapaz de compreender as contradições da acumulação e reprodução do capital a nível mundial. Um bom quadro geral sobre os múltiplos componentes do pensamento da CEPAL pode ser encontrado na seguinte obra: RODRÍGUEZ, Octavio. *O pensamento da Cepal; síntese e crítica*. Tradução de José Geraldo Portugal Jr. IN: PEDRÃO, Fernando (org). *O pensamento da Cepal*. Salvador: OEA/UFBA/Ianamá, 1988. Por outro lado, importante registrar que, de acordo com as informações disponibilizadas pela própria entidade: “A Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) foi estabelecida pela resolução 106 (VI) do Conselho Econômico e Social, de 25 de fevereiro de 1948, e começou a funcionar nesse mesmo ano. Mediante a resolução 1984/67, de 27 de julho de 1984, o Conselho decidiu que a Comissão passaria a se chamar Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. A CEPAL é uma das cinco comissões regionais das Nações Unidas e sua sede está em Santiago do Chile. Foi fundada para contribuir ao desenvolvimento econômico da América Latina, coordenar as ações encaminhadas à sua promoção e reforçar

acumulação e reprodução do capitalismo chamado “central”, torna-se evidente que aquelas economias não são “periféricas”, nem que estão nas “bordas externas”, mas pelo contrário, que desempenham e desempenharam um papel fundamental para que a acumulação mundial de capital funcione, opere e se reproduza. Portanto, compreendemos que a mal denominada “periferia” é tão central para que aqueles processos tomem forma, bem como as mal denominadas economias “centrais”.

d) Se a acumulação mundial do capital propicia o desenvolvimento de algumas economias e Estados e o subdesenvolvimento de outras economias e Estados, e se estas modalidades não constituem processos passageiros, mas que se reproduzem com o tempo, isso pretende explicar, primeiro, os processos e relações que geram estes resultados díspares, e em segundo lugar, como é possível que o capitalismo desenvolvido seja reproduzido e como é possível a reprodução de um capitalismo subdesenvolvido. Diante do primeiro processo, o intercâmbio desigual no comércio internacional, assim como outras modalidades de transferências de valor desde as economias e regiões subdesenvolvidas às desenvolvidas, como taxa-ção sobre o lucro por investimentos de capitais estrangeiros, pagamentos de juros, pagamento de direitos de patentes, processos que propiciam desvalorização das moedas dos subdesenvolvidos frente às moedas dos desenvolvidos, dentre outros, são algumas das relações presentes. Sobre o segundo processo, e em particular para explicar como se reproduz o capitalismo subdesenvolvido, conceitos como o de superexploração são fundamentais, juntamente com o de rupturas do ciclo do capital, e noções como capitalismo descentralizado, capitalismo voltado aos mercados externos, peso de capitais estrangeiros em setores chaves das economias (como no setor produtor de matérias-primas e alimentos, em segmentos das cadeias globais de valor alocados no mundo subdesenvolvido, ou no setor bancário/financeiro), uma acelerada monopolização e peso de lucros extraordinários, etc.

e) Quando se alcança uma explicação integrada do primeiro e do segundo processo (as relações no sistema mundial que geram desenvolvimento e subdesenvolvimento e as características que apresentam a reprodução do capital no subdesenvolvimento) é que podemos falar da constituição de uma TMD. Esta é a tarefa realizada, em graus diversos, com os trabalhos

---

as relações econômicas dos países entre si e com as outras nações do mundo. Posteriormente, seu trabalho foi ampliado aos países do Caribe e se incorporou o objetivo de promover o desenvolvimento social. A CEPAL tem duas sedes sub-regionais, uma para a sub-região da América Central, situada na cidade do México, e a outra para a sub-região do Caribe, em *Port of Spain*, estabelecidas em junho de 1951 e dezembro de 1966, respectivamente. Além disso, tem escritórios nacionais em Buenos Aires, Brasília, Montevidéu e Bogotá e um escritório de ligação em Washington, D.C”. Ver: <https://www.cepal.org/pt-br/cepal-0>. Acesso em 27/03/2020.

principalmente de André Gunder Frank<sup>9</sup>, Theotonio dos Santos<sup>10</sup>, Vânia Bambirra<sup>11</sup> e Ruy Mauro Marini<sup>12</sup>, cumprindo a este último a versão mais acabada com seu livro *Dialéctica de la dependência* (1973, Editorial Era, México).

<sup>9</sup> André Gunder Frank (1929-2005), Ph.D. em Economia pela Universidade de Chicago. Nascido em Berlim, no seio de uma família antinazista, viveu também na Suíça, Holanda, Inglaterra, Estados Unidos, México, Chile e Brasil. Sociólogo e historiador econômico foi um dos expoentes da Teoria Marxista da Dependência (TMD). De acordo com Theotônio dos Santos, “não devemos perder tempo buscando entre os vencedores do prêmio Nobel, Gunder Frank é o economista mais citado e mais discutido do mundo, como revelam vários estudos sobre o tema e as mais de 30.000 entradas sobre ele na internet”. (SANTOS, 2005). Ver: GUNDER FRANK, A. *Dependence Is Dead, Long Live Dependence and the Class Struggle: An Answer to Critics. Latin American Perspectives*, Vol. 1, No. 1, Dependency Theory: A Reassessment. (Spring, 1974), pp. 87-106.; GUNDER FRANK, A. *Latin American Development Theories Revisited. Latin American Perspectives*, Issue 73, Vol.19 No. 2, Spring 1992,125-139.; GUNDER FRANK, A. *Latinoamérica: subdesarrollo capitalista o revolución socialista*. Pensamiento Crítico, Habana, nº13, febrero de 1968, p. 3-41. Ver também: GUNDER FRANK, A. *Acumulação dependente e subdesenvolvimento: repensando a teoria da dependência*. São Paulo: Brasiliense, 1980.; e GUNDER FRANK, A. *Capitalismo y subdesarrollo en América Latina*. Colección Socialismo y Libertad, nº 39 [1965]; [1972], 2015. IN: <https://elsudamericano.wordpress.com/2015/10/27/capitalismo-y-subdesarrollo-en-america-latina-andre-gunder-frank/> Acesso em 03/04/2020. Para maiores informações sobre o autor e sua obra consultar o seu site na internet: <http://rojasdatabank.info/agfrank/>.

<sup>10</sup> Theotonio dos Santos Junior (1936-2018). Economista brasileiro, um dos principais formuladores da TMD e da teoria do sistema mundial. Nascido em Carangola, Minas Gerais, foi professor das Universidades de Brasília, Universidade Nacional Autónoma do México, Universidade do Norte de Illinois, Universidade do Estado de Nova York, Universidade de Ritsumeikan (Kioto), Universidade de Paris-8, Universidade Católica de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, dentre outras. Ingressou como investigador na Universidade do Chile, na qual dirigiu o Centro de Estudos Socioeconômicos – Ceso. Assim como Marini e Bambirra, Theotonio dos Santos foi um dos militantes da Organização Política Operária (Polop). Ver: DOS SANTOS, Theotonio. *The Structure of Dependence*. The American Economic Review, vol. 60, nº 2 (May, 1970), p. 231-236. Ver: DOS SANTOS, Theotonio. *La teoría de la dependencia – balance y perspectivas*. México, Plaza y Janéz, 2002. DOS SANTOS, Theotonio. *Imperialismo y Dependencia*. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2011. Ver também: DOS SANTOS, Theotonio; SADER, Emir. *América Latina e os Desafios da Globalização – Ensaio em homenagem a Ruy Mauro Marini*. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio; São Paulo: Editora Boitempo, 2009. Para maiores informações sobre o autor e sua obra consultar o seu site na internet: [https://theotoniiodossantos.blogspot.com/p/sobre-o-autor\\_3835.html](https://theotoniiodossantos.blogspot.com/p/sobre-o-autor_3835.html).

<sup>11</sup> Vânia Bambirra (1940-2015). Cientista Política e Economista brasileira. Uma das principais referências da teoria marxista da dependência (TMD). Nascida em Belo Horizonte, estudou na Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade de Brasília e Universidade Nacional Autónoma do México. Foi professora dessas duas últimas universidades. Participou com um conjunto de intelectuais, dentre os quais Theotonio dos Santos, de uma Comissão voluntária de Defesa da Revolução Cubana. Foi militante da Organização Política Operária (Polop) que combateu a ditadura militar no Brasil. Exilada no Chile, integrou o Centro de Estudos Socioeconômicos (Ceso). Ver: BAMBIRRA, Vânia. *Teoría de la dependencia: una anticrítica*. México, Ediciones Era, 1978.; e BAMBIRRA, Vânia. *Teoría marxista da transição e a prática socialista*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993. Ver também: BAMBIRRA, Vânia. *Capitalismo dependente latino-americano*. Florianópolis, Editora Insular, 2013.

<sup>12</sup> Ruy Mauro Marini (1932-1997). Economista e sociólogo brasileiro. É uma das principais referências da Teoria Marxista da Dependência (TMD). Nascido em Barbacena, Minas Gerais, estudou Direito na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil (posteriormente denominada UFRJ). Logo após iniciou estudos de Ciências Sociais na Escola Brasileira de Administração Pública (Ebap), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), momento no qual, foi orientado pelo Sociólogo Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982). Estudou na França entre 1958 e 1961. Ao regressar ao Brasil liga-se à Organização Política Operária (Polop). Entre 1962-1964 foi professor da Universidade de Brasília (UNB). No entanto, com o golpe militar de 1964, foi exilado no México (1964-1969), Chile (1969-1973). Neste último país atuou no âmbito do Movimiento de Izquierda Revolucionária – MIR. Com o golpe militar chileno, parte mais uma vez rumo ao Panamá, México e Alemanha. Em 1974 assumiu o cargo de professor do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM). Em 1977 fundou o Centro de Informação, Documentação e Análise do Movimento Operário da América Latina (Cidamo), que funcionou até 1982. Ver: MARINI, Ruy Mauro. *Dialéctica de la dependencia*. México: Ediciones Era, S. A. 1981.; MARINI, Ruy Mauro. *Dialéctica da dependência / uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini; organização e apresentação de Emir Sader*. - Petrópolis: RJ: Vozes; Buenos Aires,

f) Diante do exposto, o sistema mundial capitalista passa a ser concebido como a articulação de ao menos duas “formas” de capitalismo, o capitalismo desenvolvido e o capitalismo dependente, unidade na diversidade.

Explicar os processos que caracterizam este último em particular demanda assumir problemas e conformar conceitos que deem conta das particularidades desta forma de capitalismo. A não compreensão deste problema teórico têm gerado polêmicas diversas, contando entre seus principais detratores em diferentes épocas e em diferentes perspectivas, Fernando Henrique Cardoso<sup>13</sup>, Agustín Cueva<sup>14</sup> e Claudio Katz<sup>15</sup>.

Importante destacar que a partir de um escrito de Claudio Katz difundido por redes da Sociedade de Economia Política Latino-americana (SEPLA) e da Teoria Marxista da Dependência (TMD), entre outras, no ano de 2017, nas quais formula a proposta de uma renovação da teoria da “*dependência sem superexploração*” (Katz, 2017), para o qual dedica também escritos posteriores para demonstrar sua discordância com o conceito, bem como sua rejeição ao conceito de capitalismo dependente, entre muitas outras formulações controversas, me coloquei a tarefa de escrever algumas respostas, não somente para demonstrar que havia outras posições sobre o tema, mas para discutir teoricamente o que me pareceu e ainda me parecer, em geral, um erro de interpretação de O’ Capital de Marx, mas também sobre as razões que justificam uma teoria do capitalismo dependente e de seu corpo conceitual em particular.

No final de 2018 Katz reuniu a maior parte dos materiais que ele distribuiu nessas redes pelo menos desde 2016, dando forma a seu livro *La teoría de la dependencia cincuenta años después* (2018). Seu último artigo sobre a dependência, em polêmica com as posições

CLACSO, 2000.; MARINI, Ruy Mauro. *Dialética da dependência / Roberta Traspadini, João Pedro Stédile (orgs)*. 1ª ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2005. Ver: MARINI, Ruy Mauro. *Subdesenvolvimento e Revolução*. Florianópolis, Editora Insular, 2013. Ver artigos no “*Archivo Ruy Mauro Marini*”, dentre os quais: [Plusvalía extraordinaria y acumulación de capital](#) (1979); *El ciclo del capital en el economía dependiente* (1979); *El concepto de trabajo productivo* (1993) e *Las raíces del pensamiento latino-americano* (1994). IN: [http://www.marini-escritos.unam.mx/004\\_articulos\\_marini.html](http://www.marini-escritos.unam.mx/004_articulos_marini.html). Acesso em 03/04/2020.

<sup>13</sup> Ver: CARDOSO, Fernando Henrique e FALETTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina. Ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. Ver também: CARDOSO, Fernando Henrique y SERRA, José. “*Las desventuras de la dialéctica de la dependencia*”. Revista Mexicana de Sociología, Número Extraordinario E/78, Instituto de Investigaciones Sociales UNAM, México, 1978, pp. 9-55. Neste artigo, CARDOSO e SERRA (1978) buscaram criticar a teoria marxista da dependência e as teses de Ruy Mauro Marini. Importante destacar que neste mesmo número da Revista encontra-se a resposta. Ver: MARINI, Ruy Mauro. “*Las razones del neodesarrollismo*” (respuesta a F. H. Cardoso e J. Serra). Revista Mexicana de Sociología, Número Extraordinario E/78, Instituto de Investigaciones Sociales UNAM, México, 1978, pp. 57-106.

<sup>14</sup> Ver: CUEVA, Agustín. *O desenvolvimento do capitalismo na América Latina*. São Paulo: Global, 1983. Ver também: CUEVA, Agustín. “*Problemas y perspectivas de la teoría de la dependencia*”. IN: *Entre la ira y la esperanza y otros ensayos de crítica latinoamericana*, Antología y presentación de Alejandro Moreano, CLACSO/Prometeo libros, Buenos Aires, 2007.

<sup>15</sup> Ver: KATZ, Claudio. *La teoría de la dependencia cincuenta años después*, Batalla de ideas, Buenos Aires, 2018. Ver também: KATZ, Claudio. “*Argumentos antidependentistas*”. Disponível em: <https://katz.lahaine.org/>. Acesso em 03/04/2020.

opostas, denominado “*Actualización o veneración de la teoría de la dependencia*”, e no qual indica que põe fim à discussão suscitada, já não aparece no livro antes mencionado, seguramente por ter sido escrito em março de 2019.

No entanto, alguns trabalhos difundidos em período anterior, como “*Controversias sobre la superexplotación*” (05 de março de 2018), e “*Hacia una renovación de la teoría de la dependencia*”, também de 2018, não foram incluídos no livro mencionado anteriormente. A razão disto somente o autor conhece, porque na apresentação do livro não se afirmou nada a respeito.

Diante do último escrito, no qual Katz anuncia que finaliza a discussão, minha resposta ganhou um giro epistêmico, a fim de demonstrar que qualquer formulação teórica se apoia em pressupostos que nem sempre são esclarecidas. Lá se destacou justamente as bases epistêmicas e os pressupostos filosóficos diferenciados, de acordo com os quais nos localizamos, um e outro na discussão levantada, todas as quais conduzem a interpretações radicalmente diferenciadas.

Este meu escrito tem por título “*Cuestiones epistémicas en el análisis de la dependencia y del capitalismo dependiente*” (2019), publicado, dentre outros meios, no site Viento Sur<sup>16</sup>. As outras respostas são “*Acerca de la superexplotación y el capitalismo dependiente*”; “*Renovar la teoría de la dependencia sin teoría del capitalismo dependiente*”; e “*Teoría marxista de la dependencia sin superexplotación. Una propuesta de desarme teórico... para avanzar*”, publicadas também em diversas redes sociais, revistas e blogs.

g) Por fim, em termos políticos, fundamental afirmar que, a formulação da Teoria Marxista da Dependência (TMD) implicou destruir as ilusões sobre a capacidade das classes dominantes da América Latina de dirigir processos que ponham fim a dependência e de pôr em marcha projetos que permitiriam ganhar autonomia frente aos poderes imperialistas<sup>17</sup>.

<sup>16</sup> Para mais informações sobre os debates entre Katz e Osorio, ver a seção: “*Debates: Em torno a la teoría de la dependencia*”. IN: <https://vientosur.info/spip.php?article14035>. Acesso em 04-04-2020.

<sup>17</sup> Como afirmou Luce (2018) “a TMD é a síntese do encontro profícuo entre a teoria do valor de Marx e a teoria marxista do imperialismo, esta última formulada, entre outros, por Lenin”. Podemos afirmar que, transcorridos mais de 100 anos desde que Lênin elaborou o livro “*O Imperialismo, fase superior do capitalismo*”, escrito em Zurique durante a primavera de 1916, observamos a atualidade da sua formulação. Para Lênin, “sendo necessário dar uma definição o mais breve possível do imperialismo, deveria se dizer que o imperialismo é a fase monopolista do capitalismo. [...] Convém dar uma definição do imperialismo que inclua os cinco traços fundamentais seguintes: 1. a concentração da produção e do capital levada a um grau tão elevado de desenvolvimento que criou os monopólios, os quais desempenham um papel decisivo na vida econômica; 2. a fusão do capital bancário com o capital industrial e a criação, baseada nesse capital financeiro da oligarquia financeira; 3. a exportação de capitais, diferentemente da exportação de mercadorias, adquire uma importância particularmente grande; 4. a formação de associações internacionais monopolistas de capitalistas, que partilham o mundo entre si, e 5. o termo da partilha territorial do mundo entre as potências mais importantes [...] O imperialismo é o capitalismo na fase de desenvolvimento em que ganhou corpo a dominação dos monopólios e do capital financeiro, adquiriu marcada importância a exportação de capitais, começou a partilha do mundo pelos *trusts internacionales* e termi-



**Questão:** Em debates recentes, você apontou que, embora a superexploração tenha se estendido por toda a economia mundial, ela continua sendo uma característica fundamental do capitalismo dependente. Você poderia aprofundar sua abordagem?

**Jaime Osorio:** A superexploração é uma modalidade que assume a exploração capitalista onde se remunera os trabalhadores abaixo do valor de sua força de trabalho, seja em seu valor diário ou em seu valor total, como apropriação dos anos de expectativa de vida e dos anos futuros de venda da sua força de trabalho em condições adequadas.

Como uma modalidade da exploração, a superexploração se apresenta não somente no capitalismo dependente, mas em todos os rincões do sistema mundial. A questão não é se aparece aqui ou lá, mas o peso que adquire no conjunto da reprodução do capital. E é aqui – no capitalismo dependente - onde o peso e a dimensão da superexploração assume um caráter diferente do que no capitalismo desenvolvido. No capitalismo dependente a superexploração é um processo central na inserção desse capitalismo no mercado mundial. Produzir superexplorando lhe permite apropriar-se de alguma magnitude do valor social mundial, ainda que essa superexploração, ao limitar as pressões de todo capitalismo por alcançar maiores avanços tecnológicos, por sua vez, alimenta o intercâmbio desigual que toma forma e se constitui numa drenagem recorrente de valor do mundo dependente ao mundo desenvolvido.

E essa superexploração limita a participação dos assalariados no mercado interno, e, por sua vez, alimenta a pobreza em todas as suas formas, assim como massa de trabalhadores desempregados ou subempregados. Portanto, a discussão não é se a superexploração se apresenta em economias muito distintas. A questão é o peso da superexploração no processo em seu conjunto da reprodução do capital e da inserção no mercado mundial. Para as próprias empresas transnacionais e de cadeias de valor a superexploração e as enormes diferenças salariais que apresentam o capitalismo dependente, é um atrativo para seus investimentos nesta realidade e assim incrementar seus lucros extraordinários.

É interessante considerar que em situações em que ocorre a queda da taxa de lucro, como nas circunstâncias atuais, remunerar a força de trabalho abaixo de seu valor é um meca-

---

nou a partilha de toda a terra entre os capitalistas mais importantes”. (Lênin, [1916], 2008, p. 90). Uma boa discussão sobre o imperialismo pode ser encontrada em três outras importantes fontes, quais sejam: LUXEMBURGO, Rosa. *A Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do Imperialismo; Anticrítica* (Volumes I e II) / Rosa Luxemburgo; apresentação de Paul Singer; traduções de Marijane Vieira Lisboa e Otto Erich Walter Maas. – São Paulo: Abril Cultural, 1984.; BUKHARIN, Nikolai Ivanovitch. *A economia mundial e o imperialismo* / Nikolai I. Bukharin; tradução de Raul de Carvalho. – São Paulo: Abril Cultural, 1984.; NKRUMAH, Kwame. *Neocolonialismo, último estágio do imperialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.



nismo considerado por Marx<sup>18</sup> para amortecer ou contrarrestar esse descenso. Por isto, por sua vez, sua crescente presença em toda a economia capitalista, seja dependente ou desenvolvida nas últimas décadas.

Mas, é evidente que o capitalismo em geral não pode produzir em larga duração uma economia que reduza em todas as partes o consumo dos trabalhadores assalariados. Não é viável como solução econômica. O capital necessita de mercados. Tampouco é viável politicamente. O incremento de salários e prestações sociais aos trabalhadores no mundo desenvolvido depois da crise de 1929 e Segunda Guerra Mundial, (os “anos dourados do capitalismo”, o estabelecimento do Estado de Bem Estar Social, etc.) se deu, em grande medida, ao perigo que significou a presença de um mundo que se declarava socialista. Essas melhorias e prestações tiveram a ver com o medo de que as revoluções se estendessem pelo mundo desenvolvido.

**Questão:** Em seu livro, em conjunto com Carla Ferreira e Mathias Luce: *“Padrão de reprodução do capital”* (2012), publicado pela editora Boitempo, constam importantes contribuições para o debate contemporâneo da teoria marxista da dependência. Poderia nos auxiliar a compreender melhor a categoria “padrão de reprodução do capital” e a sua relação com a superexploração do trabalho no capitalismo dependente?

**Jaime Osorio:** A categoria padrão de reprodução do capital refere-se ao fato de que, em períodos históricos específicos, o capital em uma ou várias formações econômico-sociais, ou em

<sup>18</sup> De acordo com Jaime Osorio, os fundamentos da superexploração da força de trabalho estão previstos em O’ Capital de Marx. Muito embora, não tenha sido desenvolvido e aprofundado por este autor, visto que sua formulação situou-se num nível mais elevado de abstração, preocupando-se com a acumulação e a reprodução do capital em geral, enquanto Marini, formula num nível de abstração atinente aos problemas das formações econômico-sociais, em outras palavras, preocupando-se com a acumulação e reprodução do capitalismo dependente. Importante destacar que no capítulo XXII d’O Capital, intitulado Transformação de mais-valia em capital, presente no tomo II do livro primeiro, Marx explicou que, em se tratando da produção de mais-valia, ele partiu da suposição constante de que “o salário era pelo menos igual ao valor da força de trabalho”. No entanto, como é típico do seu método ontológico dialético de negatividade do ser, estabeleceu, por outro lado, que “a redução forçada do salário abaixo desse valor desempenha, contudo, no movimento prático, papel demasiadamente importante”. Não obstante, não ter desenvolvido este problema enquanto uma dimensão teórica fundamental em O’ Capital, Marx considerou que a redução do valor da força de trabalho, remunerada abaixo de seu valor, representaria, dentro de certos limites, a transformação do “fundo necessário de consumo do trabalhador em fundo de acumulação do capital” (MARX, 1988, I, p. 169). Não podemos deixar de mencionar que, no livro III d’O Capital, quando Marx empreende análise acerca da crise do capital, o faz a partir da formulação acerca da lei tendencial da queda da taxa de lucro. No capítulo XIV – *Causas Contrariantes* (à queda tendencial da taxa de lucro) têm-se uma citação que, muito embora lateral no âmbito da obra, cumpre importante papel no sentido de afirmar a violação do valor da força de trabalho. Marx expôs da seguinte forma: “II. Compressão do salário abaixo de seu valor. Isso só se cita empiricamente, já que, de fato, como várias outras coisas que deveriam ser mencionadas aqui, nada tem a ver com a análise geral do capital, mas pertence à exposição sobre a concorrência, que não é tratada nesta obra. Mesmo assim, é uma das causas mais significativas de contenção da tendência à queda da taxa de lucro”. (MARX, 1988, III, p. 170).

uma região (América Latina, por exemplo) tende a seguir caminhos nas duas esferas de circulação e produção que apontam no fundamental para se repetirem. As perguntas clássicas podem nos ajudar a seguir as pegadas que o capital mais dinâmico, ou eixo de acumulação, vai deixando no seu caminho através dessas esferas.

a) Quem investe nos ramos, setores ou eixos de maior relevância econômica? Podem ser capitais estrangeiros ou capitais locais, sejam eles estatais ou privados.

b) Onde e quanto investem? Onde veremos em quais setores da economia ou em quais ramos investem. Aqui aparecerão os valores de uso que tendem a ser produzidos e nos quais tomará forma a valorização. Não é o mesmo produzir frutas que automóveis. Se exigem condições técnicas e de infraestrutura diferentes. E, por sua vez, veremos a magnitude dos investimentos.

c) Para quem eles investem? Isto nos remete a considerar para quais mercados se produzem os valores de uso. Esses mercados podem ser inicialmente externos ou internos. Logo, se se produzem valores de uso que são bens de capital, que serão demandados principalmente por empresas ou oficinas; se são bens de consumo suntuário, dirigidos aos setores sociais de alto poder de consumo, ou bens de consumo salário, que são os valores de uso que consomem majoritariamente os assalariados médios.

Em síntese, o estudo do padrão de reprodução do capital que prevalece em um momento histórico determinado nos permite, em primeiro lugar, integrar as diversas esferas da circulação e a esfera da produção. Para que o capital opere deve transitar de maneira adequada e sem muitos contratempos cada uma dessas esferas. As políticas econômicas que se aplicam desde o Estado constituem um eficaz instrumento para destravar o caminho pelas distintas esferas.

Mas, ademais, esse estudo nos obriga a considerar os valores de uso nos quais o capital e sua valorização tomará forma. Se uma economia produz armamentos, é fundamental que o Estado onde esses capitais se alojam propicie demanda para esses valores de uso. Portanto, irá incentivar diversos graus de enfrentamento com outros Estados, lutas no interior de Estados entre partes em conflito, etc. Em poucas palavras, a produção de determinados valores de uso demanda estabelecer mercados específicos.

A valorização do capital ou o padrão de reprodução tomará outro curso se os valores de uso que se produzem são alimentos, como carne farinha de trigo, etc. O fato de ser bens de consumo, diferente do caso anterior, requer mercados diferentes. Aparecerão situações onde a produção vai ser principalmente direcionada aos mercados externos. E alguma parte pode ficar para ser vendida nos mercados internos, mas haverá carnes, pães ou massas mais finas

direcionadas ao mercado de bens suntuários, enquanto as menos finas irão ao mercado dos assalariados.

O fato de que, em um momento, sejam determinados setores ou ramos os mais dinâmicos, isto pode variar em outro momento, e que outros setores, ramos e valores de uso os que prevaleçam. Com tudo isso, as mudanças na economia mundial e na divisão internacional do trabalho desempenharão um papel relevante.

Em geral as mudanças de padrões de reprodução do capital tendem a ocorrer como resultado de processos de crises globais e locais, que revela que a rota que está operando para a valorização em um momento já não está mais, e obriga a modificações no padrão de reprodução, mais rápido ou mais lentamente.

Entender o padrão de reprodução do capital predominante nos permite orientarmo-nos para compreender por que a economia e a vida social tomam determinadas formas: se os trabalhadores são integrados ao mercado interno ou não o são, ou se são integrados marginalmente pela via dos baixos salários, e a economia produz valores de uso para outros mercados. Isto é próprio de economias no capitalismo dependente. Permite-nos compreender também o grau de desenvolvimento tecnológico exigido pela produção, o grau de qualificação da mão de obra, a forma de organização do trabalho, a massa de trabalhadores que são demandados, a quantidade dos salários médios, etc.

Mas, isto também nos permitirá aproximarmo-nos para definir quais setores, frações ou grupos das classes dominantes são os que conseguiram realizar seus projetos em um período determinado e quais permaneceram em lugares relegados. Em resumo, permite especificar como o bloco de poder é constituído e, dentro dele, quem são os setores hegemônicos do capital.

Portanto, o conceito do padrão de reprodução do capital nos permite fundamentar a reflexão em situações mais concretas e não nos contentar em repetir que o poder é detido pelas classes dominantes e que o capital é o que causa o que ocorre. Isso pode ser bom em reflexões muito espessas. Mas quando você quer fazer política e agir, precisa refinar sua reflexão para descobrir com quais setores do capital hegemonomizam os projetos em andamento e, portanto, têm maior força e poder dentro do Estado.

Por sua vez, permite-nos entendermos que entre economia e política existem relações estreitas e que podemos quebrar a camisa de força imposta pelos estudos das disciplinas.

**Questão:** Na sua obra: *“O Estado no centro da mundialização – a sociedade civil e o tema do poder”* (2014), você afirmou que: *“Além das fissuras próprias de um Estado de clas-*

**ses, o Estado no capitalismo dependente está atravessado por pelo menos dois processos que definem suas particularidades e que, a um só tempo, redefinem as fissuras próprias do Estado capitalista. O primeiro processo se refere à condição dependente das formações sociais em que se constitui. O segundo se refere ao significado da particular modalidade de exploração no capitalismo dependente – a superexploração –, que determina as relações entre classes, frações e setores” (OSÓRIO, 2014, p. 205). Qual é o papel do Estado na dinâmica de reprodução da superexploração do trabalho?**

**Jaime Osorio:** Nas análises sobre o Estado ocorre algo parecido ao que acontece nos estudos econômicos, que consideram as formações econômico-sociais do mundo dependente como processos imaturos, atrasados, que se encontram em estágios de formação ainda incompletos.

Nas avaliações sobre o Estado dependente são apontados assuntos semelhantes. Como não apresenta as formas que o Estado toma no mundo desenvolvido, se considera que é um Estado imaturo, em projeto, no estágio anterior, ou, inclusive, se vai mais longe, e se assume que ainda não existe um Estado.

No sistema mundial capitalista no qual existem diversas formas de capitalismo, com graus diferenciados de forças produtivas para reter ou apropriar-se do valor social gerado em outras que o perdem, isto também se faz presente no sistema interestatal que é constituído. Nem todos os estados, no imediato, podem ter os mesmos graus ou níveis de soberania e de poder.

A partir desta perspectiva deve-se notar que o Estado no capitalismo dependente é um Estado subsoberano. Existem muitas determinações no sistema mundial que limitam seu espaço de decisões e sua capacidade de definir políticas com incidência nos processos substantivos que organizam este sistema.

De um *continuum* cujos extremos são comando e obediência no sistema interestatal mundial, os Estados do capitalismo dependente se agrupam majoritariamente no campo dos que obedecem e têm menor capacidade de comando.

Mas, isto é válido para a reflexão vista no conjunto do sistema interestatal mundial. Porque se considerarmos o papel do Estado do capitalismo dependente no seio da formação econômico-social na qual emerge e atua, ali desenvolve a capacidade de ordenar a sociedade e a vida em comum de acordo aos requisitos que o capital estabelece, de acordo com seu lugar na divisão internacional do trabalho. E ali essa capacidade de organizar e comandar, de operar com maior ou menor consenso ou coerção, não pode ser realizado por nenhuma outra instância.

Neste sentido, a mundialização e os grandes capitais transnacionais que se movem pelo sistema mundial, não estão na lógica de debilitar o Estado no mundo dependente, enquanto não houver perigo para o capital. Pelo contrário, enquanto funcionar como um Estado subsoberano tudo ficará bem.

Esta situação, ligada ao predomínio da superexploração como forma fundamental de exploração, não pode senão gerar formas de governo ou como o poder particular é exercido, adequadas a esta dupla determinação; subsoberania no sistema interestatal, superexploração como base elementar da valorização.

Se todo Estado capitalista não é mais do que uma comunidade ilusória, nas palavras de Marx, essa condição se intensifica no capitalismo dependente. A fissura que propicia a superexploração como sustentáculo da acumulação e reprodução do capital é enorme, o que dificulta sustentar de maneira consistente o imaginário de comunidade. Pelo contrário, a multiplicação e agudização dos conflitos sociais tenderá a ser uma constante. Diante disto, as formas de governo mais autoritárias e coercitivas alcançarão uma elevada dimensão na história política da região.

Tudo isto explica o tipo de debilidade institucional apresentada por esses estados. Não é por falta de maturidade. Nas condições em que são constituídos (os Estados no capitalismo dependente), esta é a forma de maturidade que podem alcançar, o que abre fissuras regulares para que possam emergir líderes e caudilhos políticos que podem expressar interesses de classes muito diversas.

As formas democráticas no meio desta situação só podem ser excepcionais, e o ‘democrático’ dessas democracias estará limitado às condições que essas formas de governos podem assumir em um capitalismo onde a barbárie é o pão de cada dia.

Nisto reside a debilidade desses Estados como engrenagens de domínio no nível do sistema mundial. É nas regiões e economias dependentes que se concentram os elos mais fracos do domínio mundial, e isso torna esses espaços sociais e políticos os lugares privilegiados na atualização da revolução.

**Questão:** Na sua avaliação quais relações podem ser estabelecidas entre Estado, Racismo e Superexploração do trabalho? Em outras palavras, para você é possível afirmar a existência, no capitalismo contemporâneo, de uma divisão racial do trabalho e de superexploração racial do trabalho?

**Jaime Osorio:** O capitalismo é constituído a partir de fundamentos patriarcais e racistas<sup>19</sup> (o homem, branco, como sujeito privilegiado). Também mediante uma biopolítica na qual a vida dos povos colonizados, em sua maioria não brancos, é questionada, em face das condições agudas de trabalho, exploração e de vida desnuda a que são submetidas as populações consideradas inferiores, quando nem mesmo humanos.

O fim formal dos processos de colonização, com declarações de independência das antigas colônias, não significou o fim dos fundamentos acima mencionados. Estes fundamentos não somente continuaram como foram readequados às novas condições de Estados formalmente independentes. Em muitos casos eles se intensificaram. Não foi casual que a escravidão tenha se estendido até o século XIX em muitas sociedades que declararam reconhecer os direitos do homem, e que a rejeição ou a exclusão da população negra ou indígena se estende sob formas abertas ou encobertas até os nossos dias.

Na América Latina, foram os crioulos, as primeiras gerações de filhos de europeus nascidos na região, que alcançaram os melhores dividendos, seja em trocas comerciais com centros imperiais anteriormente proibidos, como na Inglaterra, ou em posições nas estruturas emergentes do estado, depois dos processos de independência.

A “branquitude” proporcionou vantagens econômicas e políticas. A “não branquitude” predominou nas classes populares, artesãos, empregados e camponeses. Além da segregação racial se somou a segregação de classe.

Não é casual que as antigas colônias de impérios europeus na América Latina, África e parte da Ásia sejam ainda hoje sociedades dependentes, ou melhor, *dependenciales*, este último termo que emprego para destacar sociedades nas quais se imbricam processos próprios do capitalismo dependente e dimensões coloniais que persistem e sobrevivem particularmente na África.<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Um dos tópicos do artigo “*Las raíces del pensamiento latinoamericano*” (1994) é intitulado ‘Liberalismo y racismo’. Marini, ao analisar as determinações econômicas, políticas e ideológicas presentes na segunda metade do século XIX na América Latina, afirmou que “el liberalismo se impuso como la doctrina por excelencia del Estado latinoamericano”. Este processo, transcendendo ao plano econômico, passou a modelar a consciência das nações da região. Neste sentido, “los ideólogos de nuestras clases dominantes acabaron por inclinarse hacia el único factor que, de verdad, parecía explicar las diferencias: la raza”. Em Marini, a categoria raça cumpriu um papel substantivo no sentido de edificação do capitalismo em nossa região. Ademais, o racismo é tomado como uma ideologia atrelada ao liberalismo e à lógica da reprodução do capital.

<sup>20</sup> Uma boa discussão sobre a dependência estrutural do continente Africano pode ser encontrada em RODNEY, Walter. *Como a Europa Subdesenvolveu a África*. Lisboa: Seara Nova, 1975. Nesta obra lê-se o seguinte: “A economia dos países africanos é parte da estrutura capitalista mundial; e essa integração resulta desfavorável à África ao garantir a sua completa dependência face aos grandes países capitalistas. Por outras palavras, a dependência estrutural é uma das características fulcrais do subdesenvolvimento [...] os países subdesenvolvidos são países dependentes das grandes potências capitalistas [...] as nações dependentes nunca poderão ser consideradas desenvolvidas [...] as nações ex-colônias não podem nem contar com o desenvolvimento sem quebrarem efetivamente o ciclo vicioso de dependência e exploração que caracteriza o Imperialismo”



E, em todos estes territórios é a população não branca a predominante. Nesta perspectiva, o capitalismo como sistema mundial está associado aos processos de divisões sociais do trabalho nos quais a dimensão racial alcança pleno sentido.

---

(RODNEY, 1975, p. 42-43).